

AS FUNÇÕES DO DIVINO  
(A FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO, EM ALCÂNTARA, MARANHÃO)

A cidade de Alcântara, denominada Tapuitapera (Terra dos Tapuios) quando ainda era uma grande aldeia dos Tupinambá, servia de cabeça à Capitania de Cumã. Com a sua elevação à categoria de vila, em 1648, adotou o topônimo que vigora até os nossos dias.

Alcântara localiza-se a 2°/24' 26" no que se refere à Latitude Sul, — e, a 44°/24' 23" relativamente à Longitude W. Gr. Posiciona-se, em relação à cidade de São Luís, no rumo NO, distando (em linha reta) 22 quilômetros da capital do Estado do Maranhão. Sua população é de 1.474 habitantes.

É a Festa do Divino Espírito Santo a principal ocorrência de caráter religioso e lúcido que se realiza naquela comunidade, não só pela seriedade e exuberância com que é levada a cabo, mas igualmente porque possui funções sociais importantes.

A gênese da Festa reside numa promessa feita pela Rainha Isabel de Aragão, esposa de D. Diniz, quando da guerra com a Espanha — e que consistia na edificação duma igreja devotada à terceira pessoa da Santíssima Trindade, na vila de Alenquer. "A Festa do Divino, — escreve Luís da Câmara Cascudo — no tempo da Rainha Santa até o derradeiro Borgonha, era um simples *bodo* aos pobres, alegria caridosa e não bailarina<sup>1</sup>." Foi só no século XVII que se formaram os primeiros *impérios*, tal qual vemos hoje no Brasil.

A Festa do Divino, em Alcântara, divide-se basicamente em duas partes: a fase da preparação e a fase da realização.

A fase da preparação tem início com a saída da Folia do Divino, cortejo composto de três Caixeiros, três Bandeiras (porta-bandeiras), um Bandeiroiro ou Alferes da Bandeira; do "Vicente" (menino cuja tarefa é recolher as doações em valor), três Carregadores e dois Cidadãos de Confiança. O cortejo sai a 24 de agosto, percorrendo todo o município de Alcântara e alguns vilarejos vizinhos, só retornando à sede no final de novembro, a fim de "tirar jóia", de coletar recursos para a realização da Festa. Além da explícita função econômica, a Folia, através do contato entre os muitos povoados visitados, muitas vezes só interligados por veredas ou precárias estradas carroçais, promove a integração intercomunitária, além de difundir novidades, contribuindo para galvanizar o processo de interação social com mexericos que transportam juntamente com o fervor religioso. Na medida em que alegram os fiéis com a presença do Divino, as cantadeiras, de maneira sutil, tiram proveito do temor de Deus:

Santa C'roa tira jóia,  
Mas não é de pricisão;  
Pede pra exprimentá,  
Quem tem um bom coração.

Sprito Santo é Deus,  
Ninguém pode duvidá;  
Im toda parte que chega  
Faz o povo se alegrá.

No domingo de Pentecostes, último dia da Festa, ao término da Missa, o vigário local lê o "pelouro", anunciando os nomes dos festeiros escolhidos para o próximo ano. É ao Sr. Ricardo Leitão que cabe tal escolha — função que vem desempenhando já há alguns anos. Tal privilégio torna-se mais merecível, dada a vitalidade do encargo. A posição social do escolhedor é merecedora de grande prestígio na comunidade alcantareense.

A seleção incide sempre sobre a população adulta. Os escolhidos, entretanto, nomeiam seus representantes: são meninos e meninas entrantes na puberdade, que irão substituir como Imperador do Trono ou Imperatriz do Trono, Mordomo Régio do Trono, Mordoma Régia do Trono... Em cada Festa pontífica exclusivamente ou o Imperador ou a Imperatriz (alternam-se de ano para ano). A Festa a que assisti reinava a Imperatriz cujo *império* compunha-se do séquito: duas aias e um vassalo; da Mordoma Régia, cinco Mordomos Baixos e seis Mordomas Baixas<sup>2</sup>.

Na quarta-feira, véspera da Ascensão, se dá a cerimônia de levantamento do mastro - imenso mourão de dez metros de comprimento. Alguns homens conduzem-no ao ombro, ao som das caixas, das clarinetas, dos sax, das trompetas, das trompas e das vozes nasaladas das cantadeiras - a que os carregadores respondem, refrando, no ritmo da respiração:

Qui bonito pé de mato  
(Arei, arê-ê-ê-êi-a)  
Qui a natureza botou  
(Arei, arê-ê-ê-êi-a)

Para mim selvi de mastro  
 (Arei, arê-ê-ê-êi-a)  
 Para o nosso Imperador  
 (Arei, aré-ê-ê-êi-a)

O préstito detem-se, pequenos hiatos no trajeto, à porta de cada Mordomo (e Mordoma), antes de conduzir o mastaréu até a proximidade da casa da Imperatriz, onde será erguido. Em lá chegando, enfeitam-no com frutos, evocando-se dessa forma, inconscientemente, antigos ritos de fertilidade - e propondo alguma analogia com as colunas salomônicas dos retábulos dos altares barrocos, onde igualmente se vêem frutos, espigas e folhagens, num apelo ritual aos ideais de fecundação e vida.

Ainda no percurso, as Caixeiras mais velhas, de maior memória das Festas passadas - e sensíveis à mudança que se processa, obediente à dinâmica inexorável a que está submetida a cultura, tomam a iniciativa e puxam um verso:

Nesta rua mora uma Mordoma  
 Que ela vai me desculpá;  
 As Festas já tão mudando,  
 Os toques têm que mudá.

E prosseguem, numa constatação denunciadora do estado em que se encontram as ruas de Alcântara — que, não obstante ser tomada pelo Patrimônio Histórico, se acha desprezado à ação corrosiva do tempo e à mercê dos expropriadores de relíquias. Ressalte-se aqui a função de denúncia e de apelo, que há de se expressar em outros versos, quando da louvação à Santa C'roa:

Pela rua eu vejo hino,  
 Toda cheia de cuvão.  
 Cada rosa tem um galho;  
 Cada galho, um botão.

Na quinta-feira seguinte - dia da Ascensão — Caixeiras, sempre a ruflar suas caixas, e as Bandeiras, ziguezagueando os galhardetes, às quatro da madrugada, entoam a *alvorada* em redor do mastro, num lirismo que bem lembra as modinhas portuguesas:

É bonito o campo verde,  
 Quando vem rompendo a aurora.  
 Bate as asas, passarinho,  
 Abre o bico, canta e chora.

Alvorada nova,  
 Nova alvorada,  
 De manhã bem cedo  
 Sobre a madrugada.

Já estamos na segunda etapa da Festa: a fase de sua realização propriamente dita.

Às oito horas, a fanfarra sai pelas ruas, indo buscar os festeiros e aglomerando em torno de si grande multidão. Reunindo o *império*, desloca-se até a igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde haverá de assistir ao sacrifício da Missa - em cujo término realiza-se a cerimônia da coroação, que é presidida pelo padre. Concomitantemente, solta-se uma pombinha branca dentro da igreja, para que todos visualizem nesse ícone vivo a presença do Espírito Santo. Finda a cerimônia, dirige-se o cortejo para a residência da Imperatriz, que irá recepcionar seus súditos e os demais membros da comunidade. A casa enche-se. A Imperatriz entrona-se, ladeada pela Mordoma Régia, pelas aias e vassallos. Inicia-se então uma brincadeira que gira em torno de proibições: quem cruzar as pernas ou os braços ou fumar no recinto do trono (que é também o do altar do Divino) é "preso" e obrigado a pagar prenda (um valor em dinheiro), espécie de fiança. Dão-se igualmente as "prisões" dos Mordomos pelo séquito da Imperatriz, que os vão buscar em suas casas e trazê-los ao pé do mastro, a fim de que ofereçam dádivas ao Divino, numa sorte de ritual propiciatório.

À noite desse mesmo dia, as Caixeiras, em frente ao altar da casa da Imperatriz, entoam, ao som das caixas, louvações à Santa C'roa:

Lá no pé teve um grande paladá  
 Replandou a Santa C'roa naquele dia maió  
 Seu Alferes da Bandeira côide na sua obrigação  
 Pegue no seu estandarte, reuni seu batalhão  
 Na cidade de Alcântara já não tem gente morando  
 Muitas casas tão fechadas e as outras se esbandalhando.

À noite de sábado, há novena na igreja - após o que vai a Mordoma Régia visitar a Imperatriz. É no "paço" que realiza o primeiro baile, regado a batidas de frutas e docinhos especiais. Namoricos. Risadas. Mexericos. Tudo isso em frente ao altar do Divino e do trono imperial, e nas salas contíguas. Nessas horas é que se constata com toda clareza a função diversional ou lúdica da Festa.

Quando a Mordoma Régia entra no "paço", as Caixeiras iniciam a saudação:

Deus nos dê muito boa noite,  
 Majestade Imperiá:  
 Recebei Mordoma Régia,  
 Que hoje vem lhe visitá.

Minha nobre Imperatriz  
 C'roada pelas estrelas;  
 Viva a C'roa do Divino,  
 Viva Imperatriz Primeira!

Minha nobre Imperatriz  
 Bonita como um botão,  
 Com sua c'roa na cabeça,  
 Com o seu cetro na mão.

Quando a gente chega,  
 Vou entrando e vou salvando  
 Majestade Imperiá.  
 Salve o cetro e salve a c'roa,  
 Salve a bandeira reá!

Às dez horas da manhã do dia seguinte - chamado "domingo do meio", pelo fato de situar-se entre quinta-feira da Ascensão e domingo de Pentecostes - há missa na igreja de nossa Senhora do Carmo. Finda a missa, inicia-se o ciclo de visitação da Imperatriz, que se dirige à casa da Mordoma Régia, retribuindo assim a visita do dia anterior.

As Caixeiras, no pátio frontal à igreja, convocam o *império*:

Estado-Maió,  
 Saia para fora;  
 Sacuda as bandeira,  
 Estado, vamos embora!

Sai o cortejo ao som da fanfarra e de foguetes de vara, rumo à casa da Mordoma Régia. Ao assomarem à porta, entoam as caixeiras:

Deus nos dê muito bom dia,  
 Mordoma Régia reá:  
 Vim trazê o nosso *império*,  
 Que hoje vem vos visitá.

Ao entrar:

Entramos, gentes, entramos  
 —Quem está mandando sou eu —  
 Co'as Bandeiras cor-de-rosa,  
 A C'roa do nosso Deus.

Já dentro de casa, ante o altar<sup>3</sup>:

Ó que bonito artá!  
 Nele não lhe farta nada;  
 Só farta manjá-do-céu  
 Mais a hóstia consagrada.

A Mordoma Régia recepciona os visitantes com doces, refrescos e batidas de fruta - e oferece algumas horas de baile, no fim do qual, com exceção da própria Mordoma Régia, que fica em casa, sai a Imperatriz com o seu séquito a visitar os outros Mordomos e Mordomas.

Daí por diante, todos os dias subsequentes ao "domingo do meio" - até à sexta-feira antes de Pentecostes — é a Imperatriz quem recebe visitas, sempre à noite, não antes das dez. Em cada visita, um baile; em cada baile, doces, licores e refrescos... No sábado, a Imperatriz há de retribuir todas essas visitas, consignando mais doze festas em seu programa.

Na tarde da sexta-feira, ocorre um episódio interessante. Um boi bravo, ornamentado é conduzido ao som das caixas pelas ruas da cidade, antes de ser levado ao matadouro no dia seguinte. Evidentemente, trata-se de um costume bem português, que ainda hoje vige na terrinha, exatamente na Póvoa do Varzim — e ao qual denomina-se *O passeio do boi* —, realizando-se na Quinta-Feira Santa, antes da matança da época da Páscoa.

É só à tarde de sábado que se realiza a distribuição do bodo<sup>4</sup> aos pobres da cidade — que, diga-se de passagem, são em número elevado.

Alcântara é um município estacionário do ponto de vista econômico. Em sua sede, vêem-se poucas pessoas — pouquíssimas mesmo — e dentre essas, muitas são as que vivem à margem, esmolando para subsistir. É comum encontrar-se crianças, mulheres e velhos chamando, de dentro de casa, os transeuntes para lhes pedir esmola. Recordo-me de ter visto, morando num sobrado colonial com faiança na frontaria, uma família com aspecto de faminta, todos os seus membros em andrajo.

Alcântara não possui mercado de trabalho. As pessoas que lá residem e que possuem emprego, ou são funcionárias públicas, ou vão trabalhar a São Luís. O resto é marginalizado do processo produtivo aberto, não lhe restando senão as alternativas de arrastar "grimpa" (conexão), sob condições adversas — e que não dá sequer para a sua subsistência, — ou esmolar. Só o "grimpa" não assegura aos alcantarenses paupérrimos a alimentação adequada; a esmola só é viável quando há turistas - ela não é muito freqüente esses nômades civilizados, por causa da precariedade dos meios de transportes que ligam a São Luís.

Esse fato vem emprestar à cerimônia do *bodo* um caráter sobremodo importante. A esmola não é só recebida como num "faz de conta" de devotos desinteressados; ela é desejada mesmo, esperada com grande afã. Isso confere à Festa do Divino, em Alcântara, uma outra função relevante: a de minoração temporária, através do óbulo, da fome da comunidade dos pobres. Não é que haja integração social provocada por esse fato, como pensava a princípio, porque sempre há a barreira entre quem recebe e quem dá... por uma tarde apenas. Tampouco a Festa em seu conjunto promove essa integração. O que ocorre é uma mobilização coletiva em torno da Festa, que se explicita tanto na fase de sua "montagem", quanto na dos festejos propriamente ditos. Todos são convidados a colaborar, seja dando "jóia", seja prestando serviços (na construção de altares e de tronos, na confecção dos trajos, dos doces, etc.); e a todos é propiciado diversão, a grande compensação dos trabalhosos dias de preparo. Aqui, observa-se outra função do Divino: a de reforço da solidariedade comunitária, que a Festa promove — unindo em torno dum objetivo comum dezenas de pessoas, que dão muito de si e de seu para a sua consecução.

No domingo de Pentecostes, às dez horas, todos comparecem à missa. Finda esta, sai o préstito rumo a residência da Imperatriz, onde será oferecido um almoço e logo após, um baile — que perdura até a hora da procissão, mais ou menos às dezoito horas. Formada a procissão, esta se dirige para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo, onde o vigário haverá de divulgar os nomes dos patronos da Festa do próximo ano. Encerra-se, assim, a Festa do Divino Espírito Santo, na comunidade de Alcântara.

A Festa do Divino, em Alcântara, é como que um marco na vida daquela comunidade. A sua principal função atualmente, é diversional ou lúdica, sobrepondo-se mesmo à função religiosa. As promessas e penitências, as procissões e rezas não constituem senão elementos que compõem o proscênio dos festejos. O fervor religioso permanece, mas não é o móvel principal do acontecimento; aproveita-se apenas da ocasião para se exteriorizar. Os fiéis do Divino mostram-se mais interessados em liberar tensão através dos bailes, dos encontros e da contemplação do espetáculo que a Festa proporciona — do que através da *purificação* religiosa. A *catarsis* se processa principalmente pela vivência de momentos liberadores — e, em menor escala, pela impressão mítica do Divino.

A religiosidade lírica, de remanescentes pagãos, de que o português foi e continua sendo pródigo, — é evidente na Festa de Alcântara. Símbolos fálicos, zoomórficos, práticas pouco cristãs — tudo isso coexiste, numa mescla bem característica do cristianismo legado pelos nossos avoengos lusitanos.

Outras funções a Festa desempenha, desde a sua preparação até o seu término. Funções explícitas e implícitas, como a de integração intercomunitária, de difusão de novidades, de mobilização, de denúncia e de apelo, de reforço da solidariedade comunitária. Diríamos ainda, para finalizar, que a Festa do Divino propicia, dentro do cenário monótono e melancólico de Alcântara, o halo vital que galvaniza o ânimo, que rompe com a modorra, -constituindo um dos motivos pelos quais grande parte de sua população não procura evadir-se em busca de melhores condições de vida na capital, ou mesmo em municípios vizinhos.

A Festa é o grande milagre do Divino, na tentativa de salvar uma cidade que morre.

Pedro Braga dos Santos

#### NOTAS

(1) — Luís da Câmara Cascudo *in* Prefácio do livro *Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Maranhão*. - Carlos de Lima, Departamento de Cultura, São Luís, 1972.

(2) — No ano em que é Imperador, as outras figuras são: Mordomo Régio, cinco Mordomos Baixos, seis Mordomas Baixas e o séquito composto de dois vassalos.

(3) — Em casa de cada Mordomo, há igualmente um altar e um trono.

(4) — Em Alcântara, o *bodo* é sempre constituído de gêneros de primeira necessidade: carne, farinha de mandioca, carvão, etc.